



A hospitalidade urbana e os parques municipais da cidade de São Paulo: inclusão ou exclusão social?¹

Vanessa Pinheiro Dantas²

Aluna do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi
Docente do Curso de Turismo da Universidade de Sorocaba / UNISO

Resumo:

Busca-se propiciar uma reflexão acerca da hospitalidade urbana e os parques municipais da cidade de São Paulo, abordando não somente as estruturas internas destes equipamentos de lazer, mas, sobretudo considerando a dinâmica de inclusão e exclusão social da cidade. Dessa forma, optou-se por trabalhar com o Mapa da Exclusão/Inclusão Social, onde foram inseridos os 32 parques municipais existentes. Vale destacar que o referido mapa possui metodologia própria sendo constituído por 5 anéis que estruturam a dinâmica intra-urbana da cidade. Como resultado, obtido por meio de fontes secundárias, verificou-se que, embora os parques municipais estejam presentes em todos os anéis, há evidência da piora de suas estruturas na medida em que se distanciam das regiões mais privilegiadas socialmente, acentuando tanto o processo de exclusão quanto da falta de hospitalidade urbana.

Palavras-chave: hospitalidade urbana; parques municipais; inclusão e exclusão social.

Introdução

O presente trabalho visa propiciar uma reflexão acerca da hospitalidade urbana e os parques municipais da cidade de São Paulo, partindo do pressuposto que esses equipamentos podem e devem ser uma alternativa de sociabilização e inclusão social para toda a população. Para tal, pretende-se abordar nesse artigo não somente suas estruturas internas, mas, sobretudo a dinâmica de inclusão e exclusão social da cidade.

Dessa forma, optou-se por iniciar esse estudo a partir da elaboração de um mapa, baseado no já consagrado Mapa da Exclusão/Inclusão Social da Cidade de São Paulo³, no qual foram inseridos os 32 parques municipais existentes. Vale destacar que o Mapa da Exclusão/Inclusão Social foi escolhido por melhor se adequar às necessidades do presente

¹ Trabalho apresentado ao GT – Outras Interfaces do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Aluna do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. É professora de Graduação do Curso de Turismo da Universidade de Sorocaba / UNISO. (pinheirodantas@uol.com.br)

³ Elaborado pelo Instituto Polis/ PUC – SP/ INPE coordenado pela Prof^a Aldaíza Sposati, disponível no *site* da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo: www.prefeitura.sp.gov.br.

estudo, já que o mesmo procura espacializar a desigualdade do espaço urbano, utilizando metodologia cuidadosa e multidimensional, combinando indicadores⁴ de autonomia, qualidade de vida, desenvolvimento humano e equidade, onde o município apresenta seus 96 distritos censitários agregados em 5 conjuntos, constituindo 5 anéis⁵ – central, interior, intermediário, exterior, e periférico, que estruturam a dinâmica intra-urbana da cidade a partir do centro histórico (anel central).

Assim, mais do que provocar uma reflexão, pretende-se problematizar em que medida há uma efetiva contribuição desses equipamentos de lazer para a não segregação da sociedade em geral.

Entretanto, antes de analisar o mapa elaborado, assim como adentrar o cenário interno dos equipamentos aqui estudados, procurou-se discorrer primeiramente sobre a relação da hospitalidade urbana e os parques municipais. Após, seguem algumas análises preliminares e as considerações finais sobre os principais pontos levantados nesse artigo, ambas amparadas pelas pesquisas e leituras realizadas no que permeia a dialética exclusão/inclusão social.

Vale destacar, entretanto, que esse estudo é uma exploração preliminar, onde todas as informações contidas nesse artigo foram levantadas somente por meio de fontes secundárias sem, no entanto, contrariar o objetivo desse trabalho que é justamente o de propiciar uma reflexão inicial acerca desse universo, não possuindo, portanto, qualquer pretensão de

⁴ O indicador de autonomia avalia a renda dos chefes de família e a oferta de emprego nos diversos distritos; o de qualidade de vida mede o acesso a serviços, como saneamento, saúde, educação, além de densidade habitacional e conforto domiciliar; o indicador desenvolvimento humano considera o nível de escolaridade dos chefes de família, longevidade, mortalidade infantil e juvenil e a violência; e o índice de equidade registra o grau de concentração de mulheres na condição de chefes de família.

⁵ Os distritos que compõem os distintos anéis são:

- Anel Central (6): Bela Vista, Consolação, Liberdade, República, Santa Cecília e Sé;
- Anel Interior (11): Barra Funda, Belém Bom Retiro, Brás, Cambuci, Jardim Paulista, Mooca, Pari, Perdizes, Pinheiros e Vila Mariana;
- Anel Intermediário (15): Água Rasa, Alto de Pinheiros, Campo Belo, Carrão, Cursino, Moema, Ipiranga, Itaim Bibi, Lapa, Penha, Sacomã, Saúde, Tatuapé, Vila Guilherme e Vila Leopoldina;
- Anel Exterior (28): Aricanduva, Butantã, Cachoeirinha, Cangaíba, Casa Verde, Cidade Ademar, Freguesia do Ó, Jabaquara, Jaguaré, Limão, Mandaqui, Morumbi, Pirituba, Rio Pequeno, Santana, São Lucas, Sapopemba, Tremembé, Tucuruvi, Vila Formosa, Vila Maria, Vila Matilde, Vila Medeiros, Vila Prudente, Jaguará, Jaçanã, Vila Sônia e São Domingos;
- Anel Periférico (36): Anhanguera, Artur Alvim, Brasilândia, Campo Grande, Campo Limpo, Cidade Tiradentes, Ermelino Matarazzo, Grajaú, Guaianazes, Iguatemi, Itaim Paulista, Itaquera, Jaraguá, Jardim Ângela, Jardim Helena, Jardim São Luis, José Bonifácio, Marsillac, Parelheiros, Parque do Carmo, Pedreira, Perus, Ponte rasa, Raposo Tavares, Santo Amaro, São Mateus, São Miguel, São Rafael, Vila Andrade, Vila Curuçá, Cidade Dutra, Socorro, Capão Redondo, Cidade Líder, Vila Jacuí e Lajeado

esgotamento do assunto, muito pelo contrário, pretende-se atrair novas idéias que contribuam às futuras especulações sobre o tema.

A Hospitalidade Urbana e os Parques Municipais

A hospitalidade urbana implica organização, ordenamento de lugares coletivos e exige a observação das regras e dos usos desses lugares. Essas regras devem ser observadas e preservadas por meio dos princípios da hospitalidade como, por exemplo, assegurar a todos os cidadãos o acesso a equipamentos e serviços, transportes, trabalho etc. [...] A hospitalidade da cidade passa, ainda, pela organização dos espaços públicos (GRINOVER, 2005, p. 29 e 30).

Focando para o presente estudo, os espaços públicos serão considerados como o conjunto de lugares de domínio do coletivo e geridos pelas instituições governamentais, sendo proibida a sua utilização privada. Dessa forma, a reflexão se dará na relação da hospitalidade urbana e as limitações encontradas que possam comprometer o uso dos parques municipais da cidade de São Paulo, enquanto equipamentos de lazer, pela perspectiva da população em geral. Neste contexto, o trabalho do *Department of Planning and Development* e do *Department of Park and Recreation* in BARTALINI (1996), contribui para a definição do que vem a ser um parque urbano. Trata-se, portanto, de um grande espaço público aberto, que ocupa uma área de pelo menos um quarteirão urbano, normalmente vários, localizado em torno de acidentes naturais, por exemplo, ravinas, córregos etc., podendo fazer divisa com diversos bairros.

Para Grinover (2007, p. 123) a cidade é, ou não hospitaleira, em função da coexistência de três dimensões fundamentais: a acessibilidade, a legibilidade e a identidade, intimamente relacionadas pela “escala”, pelas medidas geográficas e temporais, que proporcionam a compreensão da cidade, seja para o habitante, seja para quem dela se aproxima, nela se introduz e dela se apropria.

Dessa forma, no que se refere à dimensão da acessibilidade, o autor confere a necessidade de igualdade de oportunidades de acesso aos usuários urbanos de atividades ou serviços presentes na cidade, além do “estado” e “uso” dos espaços, assim como o acesso até estes.

Com legibilidade pretende-se indicar a facilidade com que as partes de uma cidade podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente (GRINOVER, 2007, p. 144), não

oferecendo apenas segurança para seus usuários, mas também intensificando a profundidade e a intensidade da experiência humana, como bem observa Lynch (1982, p. 15).

Quanto à identidade, de acordo com Grinover (2007, p. 128), se faz necessário considerar outras importantes variáveis que dão referências e valores ao espaço urbano, seu caráter hospitaleiro ou não, a partir de sua referência visual, de sua história. Para tal, todo cidadão não só possui o caráter de observador, mas de observado, já que deve ser considerado como parte integrante da paisagem urbana. Lynch (1982, p. 11) coloca ainda que todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e sua imagem está impregnada de memórias e significações. Aliás, quando se refere a “algumas partes da cidade”, acaba por intuir que, na maior parte das vezes, a percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências (LYNCH, 1982, p. 12).

E, para estabelecer aqui a relação pretendida entre hospitalidade urbana e os parques municipais se faz necessário antemão reconhecê-los como equipamentos, que por localizarem-se dentro da cidade, podem contribuir para o bem-estar da coletividade, assim como a convivência social dos habitantes, ainda mais quando considerados os efeitos da urbanização caracterizados, sobretudo, pela ocupação excessiva de construções, tornando essencial a criação de áreas verdes, abertas, que possam propiciar um melhor equilíbrio urbano, possibilitando a prática esportiva, de lazer e descanso ao ar livre, além do contato do homem com a natureza dentro da própria cidade, contribuindo para uma melhor qualidade de vida da população em geral.

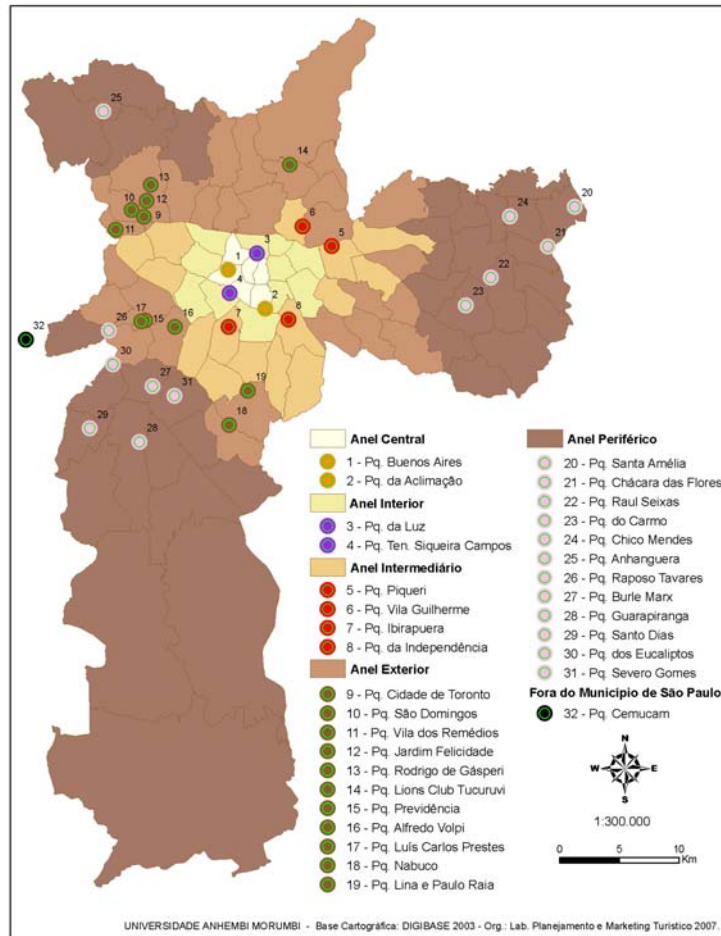
Para que se possa avançar, apresenta-se a seguir o referido Mapa da Exclusão/Inclusão da Cidade de São Paulo com seus Parques Municipais, seguido de uma tabela elaborada com as informações técnicas sobre as infra-estruturas de cada um dos equipamentos aqui estudados, objetivando algumas reflexões preliminares e, posteriormente, as considerações finais. Vale destacar, entretanto, que embora existam outros parques localizados dentro da cidade, foi considerado para este estudo apenas àqueles que fazem parte da gestão municipal, ou seja, os 32 parques municipais existentes, descartando, portanto, os demais parques urbanos, quer sejam estaduais, reservas etc.



ANPTUR




















Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007






Mapa da Exclusão/Inclusão Social da Cidade de São Paulo e os Parques Municipais

(continuação) Tabela 1 – Parques Municipais da Cidade de São Paulo – Detalhamento

Parques	Área m ² Ano de Criação																			
20. Santa Amélia	34.000 1992																			
21. Ch. das Flores	41.737,54 2002																			
22. Raul Seixas	33.000 1989																			
23. do Carmo	1.500.000 1976																			
24. Chico Mendes	61.600 1989																			
25. Anhangüera	9.500.000 1979																			
26. Rap. Tavares	195.000 1981																			
27. Burle Marx	138.270 1995																			
28. Guarapiranga	152.600 1974																			
29. Santo Dias	134.000 1986																			
30. dos Eucaliptos	15.447,57 1995																			
31. Sev. Gomes	34.900 1989																			
32. Cemucam	500.000 1968																			

FONTE: Site da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo (www. http://www.prefeitura.sp.gov.br/mapa_verde)














Legenda

Acessibilidade	Fauna	Atividades e Lazer	Flora	Guia 4 Rodas
 Acesso Cadeirantes	 Aves	 Museus / Obras de Arte	 Bosque	 Aquários / Fontes
		 Playground	 Aquários / Fontes	 ** Interessante
		 Quadra Poliesportiva		



Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

 Sanitários	 Mamíferos	 Aparelhos de Ginástica	 Quadra de Campo	 Área de Estar	 Lagos	 Mata Nativa	***** Vale a Viagem
 Estacionamento		 Pista de Cooper / Caminhada / Trilhas	 Quiosque	 Ciclovía / Bicletário	 Reflorestamento	 Viveiro / Herbário / Orquidário	

Algumas Reflexões Preliminares

No mapa apresentado, embora seja possível verificar a presença dos parques municipais por toda a cidade, se faz necessário um entendimento acerca das diferenças de cada um dos anéis, de modo a permitir análises mais consistentes relacionadas à dialética da exclusão/inclusão social.

No que se refere ao anel central, é possível afirmar que trata-se de uma das áreas mais bem servidas por equipamentos e serviços, desprivilegiando populações afastadas geográfica e sócio-economicamente das oportunidades aí concentradas. Em nome do desenvolvimento econômico, os espaços de cultura e lazer públicos ou privados tendem a concentrar-se nestas áreas centrais, acentuando ainda mais a segregação urbana.

O artigo “Como Anda São Paulo”, escrito por Bógus (2004, p. 73), apresenta um diagnóstico de caráter intra-urbano amparado tanto em dados censitários do ano de 2000 quanto no referido mapa da cidade composto por anéis. Dessa forma, optou-se aqui por utilizar algumas das sínteses esboçadas pela autora, onde a mesma concluiu que, embora o crescimento da população municipal venha diminuindo em relação às décadas passadas, no anel periférico, onde estão os piores indicadores socioeconômicos e as maiores proporções de jovens, a população representava 40% do total da cidade, segundo dados censitários do ano de 1991, enquanto que em 2000 esse índice aumentou para 47%, ou seja, quase metade da população da cidade de São Paulo. Se considerado a faixa etária e a baixa renda predominante do referido anel, é possível de mediato concluir que se justifica os quase 38% dos parques municipais, 12 (doze) equipamentos dos 31 (trinta e um) disponíveis na cidade, estarem presentes nesta região. Entretanto, pelo fato deste estudo partir apenas de fontes secundárias, vale insistir na necessidade tanto de analisar o total da área que corresponde a estes equipamentos, assim como de suas estruturas e condições de usos efetivos.

Bógus (2004, p. 75) também constatou que a renda apresentou forte concentração na última década, com aumento da renda média no anel interior (o mais rico da cidade) e diminuição no anel periférico (o mais pobre). Vale ressaltar, entretanto, que essa relação

não é totalmente homogênea, já que é possível encontrar moradores de alta renda em regiões periféricas, assim como moradores de baixa renda nos anéis mais centralizados.

Voltando à questão territorial, ou seja, a quantidade de distritos correspondentes a cada anel ou até mesmo o tamanho de suas áreas, em relação à quantidade de parques municipais, é possível verificar que, embora os anéis exterior e periférico possuam a maior quantidade de parques, esses anéis também detêm a maior área e número de habitantes.

Há ainda que se considerar a proximidade desses equipamentos uma vez que embora o anel periférico possua o maior número de parques municipais, total de 12 (doze), 6 (seis) destes – Raposo Tavares, Burle Marx, Guarapiranga, Santo Dias, dos Eucaliptos e Severo Gomes – localizam-se concentrados numa determinada região do anel, assim como os outros 5 (cinco) – Santa Amélia, Chácara das Flores, Raul Seixas, do Carmo, Chico Mendes -, ficando apenas o Parque Anhangüera isolado na região noroeste da cidade, deixando, entretanto, o extremo sul totalmente desprovido de qualquer equipamento.

Para uma reflexão mais apurada, vale destacar que os parques municipais localizados nas regiões mais distantes do centro, 23 (vinte e três) no total, considerando os anéis exterior e periférico, possuem maiores dificuldades de acessibilidade, inclusive no que se refere ao transporte público urbano, o que acaba, portanto, ferindo uma das três dimensões da hospitalidade, segundo Grinover (2007).

Com relação aos anéis central e interior, embora ambos possuam apenas dois parques municipais em cada, vale lembrar que tratam-se dos menores anéis em relação ao número de distritos que os compõem, habitantes e área, além de possuírem as melhores estruturas, assim como também ser considerados os anéis de melhor poder aquisitivo e oportunidades de lazer em geral.

Já no anel intermediário, há a presença de 4 (quatro) equipamentos dos quais, um deles, o Parque do Ibirapuera pode ser considerado como o mais importante da cidade de São Paulo, tanto pela sua estrutura, diversidade de atratividade, acessibilidade interna e externa, número de usuários, quanto pelo seu tamanho e localização estabelecida em uma das regiões mais nobres, que invariavelmente faz parte de um dos m² mais caros da cidade. Para confirmar ainda mais sua importância, basta considerar que o gasto do parque no que

se refere apenas à manutenção de rotina, sem qualquer investimento extra, corresponde a 25% (vinte e cinco) de toda a verba destinada aos 32 (trinta e dois) parques municipais geridos pelo DEPAVE – Departamento de Parques e Áreas Verdes, que faz parte da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente da Cidade de São Paulo (DANTAS, 1998, p. 52).

Portanto, um parque que foi projetado para presentear a cidade na comemoração do seu IV Centenário, hoje pertence a uma elite que se apropria de seu espaço durante a semana e que, aos finais de semana, o “libera” para o uso popular, ou seja, àquelas pessoas que muitas vezes vem do outro lado da cidade em busca de melhores estruturas e qualidade de lazer. Vale mencionar que há também aqueles que freqüentam o Parque do Ibirapuera pelo possível “*status*” lhes atribuído, conforme Santos (1987, p. 81) coloca que cada homem vale pelo lugar onde está. O seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território, ou seja, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está.

É fato e merece atenção, a alternância dos diferentes tipos de públicos pelos diversos dias da semana nos parques municipais. Aliás, este pode até mesmo servir como importante indicador de segregação, já que é comum aquele indivíduo que evita usar o equipamento em “certos dias” da semana de forma a evitar o encontro com o outro (no caso, de diferente classe social) para “não se misturar”, fazendo com que, não só o equipamento em si, mas, a cidade perca o sentido da sociabilidade, deixando ainda mais exacerbado o efeito da privação coletiva, também entendido por exclusão social, conforme Wanderley (2004, p. 20) que nesse caso inclui pobreza, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade e, de certa forma, até mesmo a não representação pública.

Sposito (1996) define segregação espacial como o resultado de um processo de diferenciação que se desenvolve ao extremo e que leva, na cidade, ao rompimento da comunicação entre as pessoas, da circulação entre os subespaços, do diálogo entre as diferenças, conduzindo à fragmentação do espaço urbano. As diferenciações urbanas e a geração de espaços complexos e de contradições resultam em relações segregadoras, demonstrando, não apenas ser um reflexo da sociedade, como também definindo o espaço

como agente de concentração de renda, ou seja, estruturam-se diferentes territórios que fazem parte de um mesmo município, configurados de acordo com o nível socioeconômico e cultural que acabam deflagrando melhores ou piores condições e qualidade de vida.

Outra constatação que deve ser considerada é que embora alguns distritos pertençam a um mesmo anel, não há como generalizar as necessidades de seus diferentes moradores. Um exemplo bastante claro é o caso do Parque Burle Marx que por localizar-se próximo a uma das marginais, possui certa deficiência no que se refere ao transporte público, entretanto, o que se pretende destacar aqui é o fato do referido parque pertencer ao anel periférico e, ao mesmo tempo ser considerado um equipamento totalmente voltado à elite, já que está localizado em meio a edifícios de altíssimo padrão, que tem seus moradores como usuários mais efetivos.

E ainda, há de se considerar a oferta de lazer, não só pública, quanto privada (nesse último caso, principalmente dos anéis mais elitizados) de cada um dos anéis, já que isso pode revelar necessidades distintas de seus moradores, para a adequação ou planejamento dos parques municipais, já que muitas vezes suas estruturas não atendem aos anseios do público que os frequenta ou que poderia frequentá-los. Aliás, a falta de participação efetiva dos moradores no planejamento destes espaços é algo que merece a atenção, uma vez que somente quem detém conhecimento de sua região de moradia (acesso, opções de lazer, gostos, necessidades etc) é que pode, de fato, agregar com maior exatidão às estruturas necessárias.

Considerações Finais

Diante do estudo proposto, por meio do mapa elaborado e das informações apuradas, é possível afirmar que os parques municipais da cidade de São Paulo não oferecem infra-estrutura adequada, ou seja, atualmente não cumprem o papel social de inclusão à sociedade em geral.

Também é possível verificar, com base nas informações contidas no próprio *site* da prefeitura, que suas estruturas pioram na medida em que se distanciam das regiões já consideradas mais privilegiadas socialmente (anel central e interior). Entretanto, considerando que o presente artigo foi elaborado apenas a partir de fontes secundárias, confirma-se aqui a necessidade de averiguação *in loco* para confirmação com maior propriedade destas especulações iniciais.

E ainda, apenas a título de curiosidade, procurou-se verificar quais destes parques municipais constam no Guia 4 Rodas 2007, bem como suas devidas classificações de atratividade elaboradas pelo próprio guia. Assim, constatou-se que apenas 2 (dois) dos 32 (trinta e dois) parques municipais constam no referido guia, sendo o Parque do Ibirapuera com 5 (cinco) estrelas, significando que “vale a viagem” e o Tenente Siqueira Campos, mais conhecido como Parque Trianon, com 2 (duas) estrelas, ou seja, “interessante”. Vale lembrar que tais termos são destinados essencialmente ao turista que visita a cidade, já que o Guia 4 Rodas pode ser considerado como o principal instrumento desse tipo disponível no país.

Uma análise que pode e deve acontecer na continuação desse estudo se refere à época em que cada um dos equipamentos foi criado, ou seja, a verificação das políticas públicas existentes nas gestões municipais, uma vez que a tabela mostra que a maior parte dos parques foram concebidos principalmente na década de 80 (oitenta) com um total de 14 (quatorze) equipamentos, enquanto que na década de 90 (noventa) foram apenas 6 (seis), e os 11 (onze) restantes correspondem aos anos 70 (setenta) e décadas anteriores.

É fato também que muitas das pessoas desconhecem a realidade dos principais espaços públicos de lazer das cidades em que moram e, assim, deixam de usá-los, não os utilizam devidamente, buscam opções nem sempre próximas a suas residências etc.

Tal reflexão não só é possível, mas, sobretudo, necessária, a fim de que se possa dar outra configuração a estes espaços de lazer, atribuindo-lhes um caráter muito mais propiciador da fruição por parte dos moradores do que propriamente cenários desprovidos do significado de uso social que lhes é atribuído.

Assim, a conservação e manutenção desses espaços devem merecer atenção contínua dos órgãos públicos que os gerenciam, bem como da população que os utiliza, já que seu uso só pode ser garantido com a segurança de tais condições. É necessário, portanto, que estes espaços sejam reorganizados de uma forma mais humana, tornando possível o enriquecimento e interação com as diferenças, valorizando a alteridade e possibilitando, assim, que se tornem efetivamente espaços mais hospitaleiros e inclusivos.

Bibliografia

- BARTALINI, Vladimir. *Os Parques Públicos Municipais em São Paulo*, 1996. Tese (Doutorado) FAU - USP, São Paulo, 1996.
- BÓGUS, Lucia. Como Anda São Paulo. In: *Cadernos Metrópole Desigualdade e Governança*. N. Especial, Editora PUC SP, 1. sem. 2004.
- DANTAS, Vanessa *et all*. *Projeto Experimental – Parque do Ibirapuera*, 1998. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 1998.
- GRINOVER, Lucio. Hospitalidade no Espaço Urbano. In: *Revista Hospitalidade*, São Paulo, Ano 2, n. 1, Editora Anhembi Morumbi, 1. sem. 2005.
- _____. *A Hospitalidade, a Cidade e o Turismo*, São Paulo: Aleph, 2007.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.
- SPOSITO, M.E.B. Evolução urbana e segregação espacial. In: SEMANA DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS: *Urbanização Reflexos e Tendências*. Anais XXVI. Rio Claro: Caege/Unesp, 1996.
- WANDERLEY, Mariângela. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). *As Artimanhas da Exclusão*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.